

# SÍMBOLOS SUSPEITOS

*Fernando Lemos*

Nos idos de 60 fui solicitado pelos companheiros de exílio para criar um logotipo da *Unidade dos Democratas Portugueses*, um grupo de ação anti-salazarista, especificamente anti-colonialista. Era o calor da guerra africana pela libertação.

Meditei sobre uma observação de Picasso feita ao símbolo do Partido Comunista — a foice e o martelo. Dizia ele ser fraca a combinação das duas ferramentas separadas com dois cabos, sobrepostas e diferenciadas. A seu ver, deveriam estar num cabo só, para exprimir unidade gregária mais forte.

Levando isso em conta, desenvolvi uma forma para a posição da *UDP*, alinhada que era politicamente com a esquerda, à semelhança universal do ideal socialista, não como derivado, mas agora como homenagem. E cheguei à completa insinuação, num cabo só, de um só percurso linear. Como um carinho também ao “ibérico” companheiro da luta democrática, o sinal guardou assim melhor o segredo de *gestalt* proposto por ele.

Fiz uma redução num *cliché*, tirei várias provas em vermelho e coloquei-as junto de documentos no bolso, a fim de mostrar aos companheiros para aprovação e testar sua eficácia imediata.

Por essa altura, veio a São Paulo uma equipe de hóquei em patins *suspeita*, em anunciada demagogia, como “angolana”, para participar de festejos no ginásio do Ibirapuera e angariar fundos para as “vítimas de Angola.” O nosso grupo de exilados, bastante operante na época, decidiu tomar posição pública e desmistificar o evento. Lá fomos uns vinte, na estratégia de nos separarmos pelo prédio (aliás às moscas e com algumas autoridades). O estudante angolano Paulo Matoso escondeu debaixo da camisa a sua bandeira — também refugiada — de Angola Livre e assumiu exibi-la no momento exato em que os farsantes surgissem na pista.

Quando desse o grito combinado, nós soltaríamos, em coro de claras vozes, o “Abaixo o Salazar e pela autodeterminação das colónias.” Registre-se, porém, que momentos antes surgiram umas figuras luso-pidescas seguidas por delega-

dos do DOPS e policiais civis armados por encomenda, e deram voltas no recinto como picadeiro, em gestos de apontar ao reconhecimento e denúncia superior as caras conhecidas. E assim fomos bloqueados pela ação policial.

Logo após os hinos, foram os atletas soltos e logo identificados por nós como elementos de equipes de Portugal emprestados para o espetáculo e acompanhados por um constrangido mulato, disfarçado de técnico, para revelar “a cor da colônia.” Dados os primeiros gritos de luta e agitada a bandeira pelo Matoso, corremos na direção das bancadas, pólo de agitação, e já lá estavam, em cardume excitado, policiais decididos na caça, agentes do DOPS, e, como surpresa, alguns capangas lusos, a soldo. Após uma meticulosa agressão por cassetetes, fomos arrastados para a rua pelos cabelos e extremidades das roupas, e lá várias viaturas (mais do que as necessárias) estavam de portas abertas para nos encaminhar velozmente à delegacia política. No percurso da entrada, de mistura, safanões e pontapés dados patrioticamente por funcionários do consulado e por sua própria conta para enxovalhar-nos na captura. Talvez na missão própria de salvarem a vergonha acontecida, uma guerrilha entre dois países irmãos!

Lá fomos na cambalhota umas trinta vítimas em estado de desarrumação, como é da conveniência para interrogatórios humilhantes e, de confusão, um garoto que de nada sabia — o caso dele era vender amendoins no ginásio — e mais alguns estudantes, alegres pela oportunidade do desabafo. Chegados na sala de atendimento urgente, sem hinos nem técnicos, fomos recebidos por um agente irado com esta escaramuça internacional. Puxou-nos um por um contra a parede, como se fôssemos carimbos. Meteu a mão no meu bolso, levantei os braços e ele arrancou-me a carteira com um berro vitorioso, que os hoquistas teriam apreciado, e pôs-se a exhibir para todos a minha prova vermelha do símbolo. Afinal tinha caçado um comunista... e de carteirinha! Apontou o dedo para um cidadão sentado calmamente numa cadeira remendada atrás de uma máquina de escrever, tão velha que só poderia ter sido testemunha secular de inquéritos de alta burocracia oficial. Tentava no giro da marca encontrar meio afilto uma real identificação visual com a sua memória das duas ferramentas proibidas, de que o escrivão precisava para registrar a ocorrência com segura referência. Assustado, o irado calou, e, por um instante mais, ansioso, procurou depois acusar-me de estar a disfarçar alguma coisa que lhe faltava. O escrivão olhava e comentava que apenas achava parecido e portanto, não sendo, não poderia configurar-se como propaganda comunista, embora *suspeito* como desenho. Aguardei a decisão, mas ficou por isso mesmo.

De madrugada, registrada esta terrível ocorrência, fomos libertados graças à intervenção do nosso amigo deputado Cid Franco. Apesar de ter a roupa rasgada, cabeça e os braços com traços leves de sangue, como todos os companheiros, achei-me gratificado profissionalmente por ter correspondido a uma sugestão de Picasso e, politicamente, por receber de uma *autoridade*, a justiça que me faltava para aprovar o símbolo, que era, além do mais, *suspeito*.